https://doi.org/10.35685/zz69dk03

MORALIDADE E RELIGIÃO EM FREUD E HUME

MORALITY AND RELIGION IN FREUD AND HUME

José Carlos Tavares Cavalcanti[1]
Maria Samara E. Formiga Querino[2]
Fernanda Lúcia Pereira Costa[3]

1 Centro Universitário Santa Maria.
2 Centro Universitário Santa Maria.
3 Centro Universitário Santa Maria.

Resumo: Este trabalho buscou comparar o processo de subjetivação gerado pela religião de acordo com dois autores, Freud e Hume, dando foco as questões morais e sociais. A religião, enquanto fenômeno social, é rica em sentidos para a construção da identidade de cada sujeito, elementos esses caros a compreensão humana e social. Ambos os autores ao observarem de maneira psicológica e antropológica os atravessamentos dessa nos sujeitos possibilitam traçados entre suas teorias, importantes para a compreensão contemporânea de atravessamentos morais na sociedade. A partir de suas obras, é possível ler a maneira como a religião se expressa na formação moral dos sujeitos, seja através de posicionamentos diretos ou indiretos. Assim, a religião enquanto elemento basilar da formação humana é rico em conteúdos para se pensar a moralidade em uma ótica social e desenvolvimentista, que contribuirá para leitura do corpo social.

Palavras-chave: Religião. Psicanalise. Moral. Identidade.

Abstract: This study aimed to compare the process of subjectivation produced by religion according to two authors, Freud and Hume, with a focus on moral and social issues. The religion, as a social phenomenon, is rich in meaning for the construction of individual identity elements that are essential to both human and social understanding. By examining the influence of religion on individuals from psychological and anthropological perspectives, both authors offer insights that allow us to trace intersections in their theories, which are highly relevant to contemporary understandings of moral dynamics in society. Through their works, one can discern how religion shapes the moral formation of individuals, whether through direct or indirect influences. Thus, religion, as a foundational element in human development, offers a wealth of material for reflecting on morality from a social and developmental perspective, one that contributes to a deeper reading of the social body.

Keywords: Religion. Psychoanalysis. Moral. Identity.

INTRODUÇÃO

Enquanto fenômeno extenso, a religião possibilita, nas diversas sociedades a organização de identidades socias e leis sociais que, unidas à cultura, articulam as representações sociais (Lozano, 2024). Assim, constantemente, a moral, as crenças e os comportamentos são afetados pela religião, junto às percepções de mundo. Durkheim (1989), de semelhante modo, compreendendo o papel da religião na criação de sentido para o ser humano, traz que a religião não é somente um evento individual, mas um fator estruturante das sociedades, provendo a coesão social e reforçando padrões.

Consequente ao controle de regras e leis da sociedade pela religião, Freud (1913) categoriza a religião como o primeiro sistema legal de um coletivo humano capaz de regular

https://doi.org/10.35685/zz69dk03

os comportamentos e os investimentos libidinais, sendo ela uma consequência do medo da natureza e do desamparo paterno. Frente a isso, a religião permite uma comunhão entre os membros de um grupo que, ao abrir mão de uma neurose individual podem se agrupar em uma neurose coletiva, ou seja, leva os indivíduos a se unirem e consolidarem uma identidade que parte do sentimento de comunhão e desamparo e os protege do desconhecido (Freud, 1930).

Em contrapartida à união possibilitada pela religião, o conceito de "narcisismo das pequenas diferenças" encontrado em "mal-estar da cultura" de Freud (1930), indica que a união advinda da religião só pode manter coesão suficientemente boa à medida que sua moral permite que a violência seja direcionada para grupos diferentes. Coerente a esse pensamento, autores como Marques (2022) destacam a questão da identidade religiosa, que pode acabar gerando conflitos e questionamentos em sociedades pluralistas, onde o conflito entre as múltiplas identidades de cada sujeito gera instabilidades e crises na sociedade.

Em História Natural da Religião (1757), David Hume discorre sobre a origem da religião, argumentando que se principia pelo medo e pela incerteza humana diante das forças naturais e dos eventos desconhecidos, assim como Freud. Ainda segundo Hume, o berço desses sistemas religiosos era manifestado pelo politeísmo, definido pelo filósofo como idolatria. Com o passar do tempo, essa visão foi evoluindo e passando a organizar o monoteísmo, de modo a passar a desempenhar maior influência sobre a estrutura social e a moralidade. Pode-se pontuar, então, que a religião não se objeta apenas para responder dúvidas ou inquietações existenciais, mas também serve como um objeto de organização e controle social que é capaz de moldar a identidade da sociedade como um todo, mas também dos seres em sua individualidade.

Desse modo, considera-se a importância da religião para a construção da identidade coletiva e individual. A partir disso, surge a necessidade de trabalhar dois tópicos: como a religião afeta diretamente o desenvolvimento moral e como suas representações e manifestações se refletem na sociedade atual. Com isso em vista, a partir da literatura freudiana e humiana, a religião será o objeto de estudo que será articulado junto ao processo de construção da identidade moral e, de modo axial, serão trabalhadas suas ocorrências na sociedade atual, visto que a religião está presente nos núcleos de discursos que elucidam a moral em situações de fanatismo, violências, crimes e discursos políticos.

Frente a problemática trazida, nota-se a necessidade de abordar as ligações existentes entre a religião e a construção da identidade moral do indivíduo, tendo em vista que a religião está presente em tal formação,

https://doi.org/10.35685/zz69dk03

influenciando e formando seu caráter individual e social, levando o indivíduo a se conectar com outros seres que apresentem tais traços em comum para compor seu cotidiano (Castilho; Bernardi, 2016). Logo, o objetivo desta pesquisa se encontra em comparar o processo de subjetivação gerado pela religião de acordo com dois autores, Freud e Hume, dando foco as questões morais e sociais.

METODOLOGIA

O presente estudo se trata de uma pesquisa de cunho teórico-exploratória ao explorar as questões conceituais desenvolvidas entre dois autores e suas obras. Demo (2000) define os estudos teóricos como uma pesquisa dedicada a trabalhar ideias, ideologias e conceitos, sem a necessidade de uma intervenção direta e imediata, também sendo essencial no aprofundamento teórico de conceitos a serem estudados. Nesse sentido, explorar as nuances teóricas da problemática da pesquisa fornece base para o desenvolvimento conceitual e técnico nos campos científico e metodológico.

Outrossim, por se voltar a questões teóricas de dois autores distintos, a pesquisa se caracteriza como um estudo comparativo, trazendo aproximações e distanciamentos entre as matérias a serem analisadas. O estudo comparativo, por focar em explanar e explicar sobre as semelhanças e diferenças, possibilita uma análise do fenômeno, deduzindo elementos constantes ou abstratos no material comparado (Prodanov; Freitas, 2013). É salutar informar que, por se tratar de uma pesquisa dentro de uma temática social, não cabe a pontuação de superioridade ou inferioridade frente às teorias analisadas, mas sim traçar aproximações teóricas relacionadas aos autores. Ao inserir o método comparativo em uma pesquisa de base teórica, pretende-se observar a maneira como ambas as teorias observam um mesmo fenômeno e, assim, delimitar seus limites, distinções e encontros.

As obras analisadas nesta pesquisa compõem a produção de Sigmund Freud, em específico seus textos “Totem e Tabu” (1913), “Mal-estar da cultura” (1930) e “Psicologia das massas e análise do eu” (1921), junto a obra de David Hume intitulada “História natural das religiões” (1757). A partir da base documental, os textos foram analisados e sintetizado o conteúdo das obras que permitem a visualização da religião dentro do processo de constituição da identidade humana, focando nos elementos que se referem a moralidade e àqueles que organizam a posição subjetiva do sujeito na sociedade. Após o agrupamento das informações dos autores separadamente, foi realizada a comparação conceitual dos elementos trazidos por ambos autores. Junto a obra dos autores foram adicionados artigos que trabalhassem a temática, buscando balizar o conteúdo frente ao tema: a relação entre religião e moralidade na construção da identidade moral.

https://doi.org/10.35685/zz69dk03

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Religião e psiquismo na obra freudiana

Em "mal-estar da cultura" (1930), Sigmund Freud observa como elemento gerador de coesão entre os integrantes das religiões um sentimento nomeado de "sentimento oceânico", um sentimento de comunhão entre todos os seres. A partir desse sentimento emerge a máxima cristã de amar a todos, que, por sua vez, implica um problema no fluxo da libido. Assim, a libido impossibilitada de investimentos diretos de ódio, cria cenários neuróticos de ambivalência. Essa ambivalência marca um processo no qual o montante de libido do amor direcionado à máxima de amar a todos produz um equivalente montante de afetos distintos, direcionados aos que não fazem parte desse amor, o que pode ser identificado nas justificativas religiosas de violência e guerra na atualidade, onde a diferença religiosa é evidenciada nos discursos extremistas como contraparte desse amor cristão.

A organização econômica, na teoria freudiana, põe a libido como mecanismo operacional do psiquismo, onde ela se catexia aos elementos de maneira diversa e ambivalente (Medeiros, 2024). Logo, não apresenta caráter único frente aos afetos. A impossibilidade de sustentar as máximas religiosas gera um conflito interno no sujeito, entre aquilo que a religião solicita e aquilo que o sujeito deseja, havendo, assim, a tendência a reprimir o desejo em virtude da religião, segundo Freud (1930). Logo, a questão econômica implica que a libido não pode se movimentar em plena aquisição da solicitação da religião sem mover internamente processos de repressão, deslocamento, sublimação, conversões e diversos outros movimentos de defesa do ego.

Desse modo, no percurso histórico e na contemporaneidade, o fanatismo religioso e o fundamentalismo recrutam do psiquismo um processo de negação e hiperinvestimento em dogmas específicos, com isso o sagrado ocupa o lugar da realidade. Esse processo de ilusão da realidade com intermédio da religião é identificado em Totem e Tabu, obra de Freud (1913), na qual o autor identifica que a morte do pai primevo e o consequente desamparo traz culpa aos filhos que o mataram, que retomam de forma visceral, a lei do Deus-Pai morto. Paralelo a contemporaneidade, os casos de fundamentalismo reproduzem uma lógica de retorno a uma lei perdida na secularidade, assim como a lei que se perdeu com a morte do Pai. Então, o desejo pela ilusão da proteção do Deus-Pai cria e cristaliza uma visão dos dogmas religiosos que exclui e segrega os que não compartilham esta visão.

Santos e Moreira (2025), ao analisarem o fundamentalismo religioso, identificam um processo de negação da realidade, que ao ser analisado pela ótica

https://doi.org/10.35685/zz69dk03

freudiana exposta em "totem e tabu" e "mal-estar da cultura" pode ser apreendido como um mecanismo de defesa do ego frente a uma realidade hostil ao Deus-Pai. Então, emerge um ímpeto em restaurar, de forma violenta, a autoridade do pai e assim mitigar o desamparo e a culpa.

Freud (1921), em "Psicologia das massas e análise do Eu", traz que a religião está diretamente ligada à cultura e à organização social, pois em sociedade o sujeito constitui a sua própria identidade por meio de identificações feitas com pessoas, espaços, ideologias e religiões que são acessadas e absorvidas, muitas vezes inconscientemente. A partir das identificações de cada sujeito emerge a identidade, que, ao interagir com os dogmas religiosos, se forma em um processo único de repressões e construções morais, pois o anseio pelo amor do Deus-Pai faz o desejo ser repudiado (Freud, 1921; Freud, 1930). Desse modo, a moralidade ou os valores morais são entendidos, na perspectiva freudiana, como uma herança desse ideal paterno – denominado ideal de ego, que é regido por formações superegóicas -, logo do ideal sagrado, que propulsiona os sujeitos a agirem coerente a esse modelo sacro. Desse modo, aquilo tido como moral ou imoral para o sujeito é um processo gradativo que se formula em sociedade,e para a sociedade e finda na identidade moral dos sujeitos.

Através do superego, então, a identidade moral do sujeito é formada, mas não apenas essa já que sua identidade social também pode surgir graças a essa relação entre superego, identificações e desejo. Em virtude de a identidade ser formada por meio de um outro, a moralidade está submetida a esse processo e pode ser fortemente alterada com base na maneira como se é inserido na religião, portanto, principalmente quando essa reafirma uma onipotência narcísica (Oliveira, 2021). Semelhante a isso, o mesmo narcisismo que o Pai primevo gozava passa a ser gozado pelos filhos ao se identificarem com ele e, do mesmo modo, na modernidade, a religião permite uma identificação com o Deus, que leva os fiéis a narcisicamente justificarem suas ações com assertivas orientadas pela lógica do "em nome de Deus", "por Deus", "não é coisa de Deus". Nestas colocações, o Deus passa a ser o pivô de uma identificação que assegura os atos feitos.

Sob a ótica das obras freudianas selecionadas, as identificações que emergem em direção a divindade, ou melhor a reminiscência de um pai protetor e autoritário, norteiam um processo contínuo de renúncias pulsionais, que necessitam ser supridas. Em prol de suprir esta falta, o sujeito que integra uma massa religiosa é capaz de ignorar tais efeitos por meio de um superinvestimento no sagrado, que, em troca, torna sua percepção da realidade bastante segura, logo enquanto na égide do sagrado, o sujeito é capaz de

https://doi.org/10.35685/zz69dk03

evanescer sua identidade e, assim, superar as adversidades da vida, em troca de proteger avidamente a imagem fantasmática desse Deus. Esses elementos observados na obra, indicam uma visão do autor que classifica a religião como um movimento potencialmente neurótico, visto que torna a moral algo bastante rígida, impedindo o sujeito de ser para além da moral religiosa, necessitando que esse cumpra os dogmas sob o risco de punição.

Dessarte, a religião é um fenômeno que por estarinseridoa na cultura, molda a maneira como os sujeitos interagem com a moralidade. Ao construir um Deus de benevolência e que julga os comportamentos humanos, a religião, assim como a cultura, apela para a renúncia dos instintos. Contudo, essa renúncia gera um acúmulo de libido em partes específicas da vida libidinal dos sujeitos, que pode provocar o adoecimento ou a agressividade retroativa. Frente aos conflitos da libido, é necessário que haja vazão para essa pulsão, elencando aqui o narcisismo das pequenas diferenças, trazido em "mal-estar da cultura", que se põe como o movimento de alvejar um grupo para que o ódio seja despejado e o "amor ao próximo" possa surgir. Em decorrência disso, a moral construída na religião recruta, para sua coesão, um forte sistema de punições e uma gama de identificações, que podem ser com a imago do Deus ou um líder que o represente.

As componentes morais da religião segundo Hume

A obra humiana "história natural das religiões" (1757) historiógrafa o surgimento de fenômenos religiosos politeístas e monoteístas, concomitantemente abordando os movimentos envolvidos dentro da manutenção do pensamento religioso. Na amplitude dos processos que envolvem a religião, Hume classifica um conflito evidente entre a racionalidade e a religião, o qual é marcado pela diferença da confirmação dos fatos, visto que, na religião, a gênese se inicia unicamente na entidade, já na razão a confirmação se dá na observação sistemática. Esse processo se intensifica nas religiões monoteístas que, para o autor, apresentam um processo de gestão do medo, através da razão e convicção absoluta no divino, a perseguição aos dissidentes das leis sagradas e os que não comungam a mesma fé, como também a humilhação dos fiéis, para que esses sintam o medo que será ocasionado caso se afastem da fé.

Semelhante ao monoteísmo, Hume realiza a categorização dos elementos presente no politeísmo, o qual é marcado principalmente por um absurdismo na difusão de vários deuses, que por sua vez gera uma maior tolerância frente a diversidade, já que os deuses são tão amplos quanto a natureza. Apesar desta distinção, o monoteísmo surge a partir do politeísmo, herdando várias de suas características, como a humanização do

https://doi.org/10.35685/zz69dk03

sagrado, que adquire as características humanas, como os afetos, contudo no monoteísmo essas características herdadas são elevadas a condições tenras e sacras, mas também coléricas e punitivas. Logo, no monoteísmo o Deus adorado, segundo o autor, é um segmento sacralizado do próprio homem, já isento de qualquer dúvida sobre a vida e a morte.

Semelhante a proposta humiana, Nietzsche (1895) critica a estrutura do monoteísmo, afirmando que essa forma de religião nega o trágico e real da existência humana e impõe uma razão idealizada que pode afastar o homem da vida concreta com fantasias. Para ambos, o monoteísmo priva o sujeito de agir de modo racional, justificando a realidade pelo divino. Hume, em sua obra "Investigações sobre o entendimento humano", mas também em "História natural das religiões", insere nesse processo de cisão da realidade o problema do milagre, que funciona como uma fissão no cerne da racionalidade humana, que apesar de compreender as impossibilidades de um fenômeno, acredita fielmente no seu acontecimento em virtude da intervenção divina.

Deste modo, o milagre também se põe como um elo entre o monoteísmo e a perda de contato com a racionalidade que é presente no politeísmo, sendo ele por si só uma manifestação da submissão completa da razão pelo divino e da realidade pela crença na fantasia do sagrado (Hume, 1757). Junto a maneira como o milagre configura o contato com a razão e a realidade, o autor elenca a ira, loucura, fúria e imaginação inflamada como elementos que são essenciais para o contato com o divino, sendo proporcionais, ou seja, quanto mais perto de Deus mais aflorado um desses campos se torna. Nesse contexto Bissiati (2022) ao analisar o cenário político brasileiro, identificou que o manejo social que a religião realiza e a raiva se apresentam por meio de discursos moralizantes, nos quais os representantes políticos evidenciavam um afastamento de Deus na sociedade, que iria ser corrigido por eles, contudo os discursos recrutam um sentimento moral que aproxima os fiéis do governante, mas geram divisões com aqueles fora do "caminho certo".

Hume então, observa nas religiões monoteísta uma moral na qual os valores surgem do medo e devido a isto é guiada por uma submissão da racionalidade lógica por uma razão religiosa. A moral monoteísta finca suas raízes em um modelo de devoção que deve ser mantido através do rebaixamento do sujeito, em especifico de sua racionalidade, visto que os valores religiosos buscam a permanência da religião e não necessariamente dos sujeitos. Os rituais, crenças e milagres oriundos da religião permitem que os membros se tornem coesos entre si, isto através do expurgo dos vícios e do enaltecimento onipotente de seu Deus e em consequência disso, a moral que emerge é

https://doi.org/10.35685/zz69dk03

voltada a pura consolidação desse Deus e de sua razão absoluta. Em razão dessa cristalização e inquestionabilidade do divino, tudo aquilo fora do espectro dessa moral é tomado como pecaminoso e que precisa ser punido e devolvido ao caminho, caso contrário a punição pode retornar ao próprio fiel.

Visto as vicissitudes da moral nas religiões, a obra humiana propõe os valores morais e a identidade socio-moral dos sujeitos como um elo fundamental entre o sagrado e o humano, pois o divino se configura como um espelho da moral humana idealizada encarnada em um ser absoluto. Com isso, qualquer pensamento moral que contradiga o sagrado é convertido em imoralidade e, assim como os pensamentos dissidentes, é punido severamente. Em suma, a moralidade humiana, norteada pela religião, mostra-se como uma ruptura da racionalidade, na qual os indivíduos submetem sua razão a uma explicação definitiva dos fenômenos sociais, certo e errado então são apenas dois descritivos que se referem ao desejo de uma divindade, que por sua vez expressa o desejo humano.

Aproximações nas teorias de Hume e Freud

A fim de tratar os paralelos entre as compreensões teóricas de Hume e Freud nas obras propostas, este e os seguintes tópicos irão analisar suas relações no corpo social contemporâneo. Deste modo, a identidade moral e as relações com a atualidade serão analisadas de modo a propor relações dos autores com os fenômenos sociais. Frisa-se ainda, que ambos autores compreendem que a identidade humana não se porta como um monólito, mas sim resultado de fortes relações simbólicas, sendo a religião apenas um dos elementos dessa rede de relações.

Ambos os autores identificam na religião mecanismos voltados a criação de leis para moldar o comportamento, os valores e a posição da sociedade frente o sagrado e a realidade. Em decorrência da maneira como cada autor aborda o fenômeno religioso, surgem caminhos teóricos distintos, contudo as aproximações são evidentes, entre elas pode-se identificar os seguintes correlatos: culpa e medo; narcisismo das pequenas diferenças com intolerância, perseguição, convicção e fanatismo; e o desejo e prazer com a ruptura da razão pelo milagre.

A identidade moral na razão e no desejo

No que se refere as articulações entre desejo e prazer freudiano com as rupturas do milagre humiano, é preciso retomar ambos no campo das religiões. Na teoria freudiana o desejo e o prazer se tornam proibidos como efeito de uma lei que preserva a autoridade do Deus-Pai. Em contrapartida, o desejo não se esvai em virtude dessa submissão apenas encontra no sagrado uma manifestação distinta, a qual o seu desejo se torna possível

https://doi.org/10.35685/zz69dk03

de ser alcançado pelo pai. A morte do Deus-Pai que possuía a mãe e as filhas torna o incesto (o desejo dos filhos) uma proibição, que, por sua vez, ainda é usufruído pelo Deus-Pai, pois ele tudo detém (Freud, 1913). Ampliando esta visão, o desconhecido se torna de conhecimento pleno de Deus, assim como a capacidade de realizar qualquer coisa – onisciência e onipotência, dois anseios narcísicos identificados no desenvolvimento humano (Freud, 1914) -, evidenciando a necessidade humana de justificar, inclusive de forma ilógica, a realidade que o cerca. Esta compreensão da onisciência e onipotência divina como submissão e mecanismo de satisfação parcial do desejo se conecta a percepção de Hume da ruptura da racionalidade no fenômeno do milagre, onde ambos são uma ilusão ou falseamento da realidade a favor do divino.

Nessa perspectiva, o milagre humiano ao ser visto como um testemunho cuja a falsificação da crença na realidade é grande o suficiente para atribuir ao divino o poder de modificar a própria realidade (Hume, 1748). Assim, reitera-se que o milagre humiano é uma expressão da perda de um contato racional empírico com a realidade e como resultado submetê-la a uma realidade divina. O milagre humiano e o desejo freudiano submetido ao Deus-Pai destacam que os valores humanos estão suscetíveis a cair em uma lógica irreal, onde a partir da necessidade de manter a autoridade de Deus os homens abrem mão de analisar a realidade e reproduzem um dogma de maneira inflexível ou submetem o entendimento da realidade a um postulado religioso, aceitando qualquer milagre que justifique seu alienamento da realidade. Logo, o desejo e o milagre distorcem a realidade ao ponto de a identidade moral que venha a emergir seja exclusivamente voltada a manter a autoridade e razão plena de uma divindade.

Na atualidade pode-se identificar a expressão desse correlato de milagre e desejo, em Bissiati (2022) ao citar o comportamento heroico no governo Bolsonaro, pode-se observar a potência do milagre ao “corrigir” a política brasileira. Apesar de aspectos evidenciarem elementos que rompem essa lógica de correção, os eleitores mantiveram-se alinhado aos seus pensamentos. Orientado pela proposta do milagre e do desejo, este fato pode ser justificado pelo anseio em manter a posição superior do representante de Deus e dos ideais da população, então permitindo que o representante seja capaz de operar milagres políticos. Assim como pela satisfação de um desejo que é usufruída pelos eleitores através dele, do mesmo modo que os fiéis se sentem satisfeitos ao adorar seu Deus. Milagre e desejo em Bisaati (2022) podem ser vistos como dois balizadores que promovem a manutenção do populismo e do regime político por uma analogia com a religião, onde a razão, o pensar empírico, é dada ao sagrado tal como ao representante. Consoante a isso,

https://doi.org/10.35685/zz69dk03

Hur (2023) propõe a negação como estratégia psicopolítica, onde a população em uma ótica binária age reativamente ao mal e ao imoral e assim elegem um líder onde possam depositar as esperanças do bem e do moral, como se ao encontrarem um representante de um divino fossem alcançar seu milagre. Nesta eleição, a lógica da realidade é subvertida pela lógica cultural, que historicamente é fortemente religiosa.

Para que se adentre nos demais elementos é importante compreender que no que estrutura a relação entre desejo e milagre nas obras de ambos, encontra-se também uma interação com o narcisismo das pequenas diferenças e os elementos de intolerância, perseguição, convicção e fanatismo, em cada autor, Freud e Hume respectivamente. A partir deste raciocínio, enquanto os milagres e o desejo permitem um desprendimento da realidade e fixação com o divino, os demais elementos surgem como consequência direta desse processo, mas também como catalizadores dos mesmos, logo havendo uma relação mútua.

Em consequência da relação entre esses elementos, a moralidade, no contexto do pensamento religioso, emerge através de vários elementos guiados pela relação dos fieis com a realidade que os rodeia. Assim, o narcisismo das pequenas diferenças se coloca como um potencializador da moral religiosa ao exaltar convictamente a religião e o saber do divino, com isso tornando qualquer valor que não seja o do Deus louvado com imoral. Essa dinâmica torna o grupo religioso como sujeitos nobres e virtuoso, em especifico em religiões monoteístas como observou Hume (1757), abrindo espaço para o que Hume em sua obra classifica como abrir mão do mérito da moral, ou seja, o homem se torna virtuoso não por fazer o bem ou o seu dever, mas por fazer o pedido de Deus. A virtude do homem vem de suas atitudes diante do querer de Deus.

A partir dessa lógica, tornar-se moral é se alinhar a vontade de Deus e esta perspectiva em Hume (1757) impulsiona a intolerância as diferentes religiões e a perseguição aos cultos distintos, em particular nas religiões monoteístas como o cristianismo, pois um Deus único, no monoteísmo, não pode permitir a existência de cultos diferentes. A moral então surge e se justifica enquanto a perseguição e conversão dessas religiões como forma de provar e instituir a primazia de uma única religião enquanto certa, moral, virtuosa e transcendental. Na modernidade essa dinâmica se evidencia nos recorrentes casos de intolerância religiosa em relação as religiões de matriz africana, em particular por parte dos cristãos.

Retomando Hur (2023), observa-se que no campo político a negação apresenta uma função de produtora de antagonismo e organiza uma micropolítica do ódio, com isso se formam polos de oposição onde o grupo político faz uso de recursos discursivos para enaltecer a si e criar uma distorção para gerar

https://doi.org/10.35685/zz69dk03

ódio aos grupos demais. Na perspectiva humiana, a própria religião se põe como a mobilizadora da negação, visto que ela institui o que é imoral e que deve ser corrigido, do mesmo modo que enaltece a moralidade do grupo. Logo, a religião participa do movimento de negação da realidade e é capaz de incitar ódio e destruição em virtude de exaltar o grupo que comunga com ela, sendo a proteção desse sentimento de exaltação significativo para submeter a lógica e a moral a um pensamento religioso.

Culpa e medo na organização moral atual

A fim de observar a maneira como o fenômeno religioso e a estruturação da identidade moral se comunicam na atualidade, os paralelos entre a culpa freudiana e o medo humiano serão traçados em seus diálogos possíveis. Inicialmente, ambos conceitos são abordados pelos autores de modo que operam uma apreensão particular do sujeito frente a realidade e as divindades. Enquanto, Freud em "Totem e tabu" insere a culpa como mecanismo que institui a sacralização do Deus-Pai, em "Mal-estar na cultura" Freud conceitua a culpa como o preço a se pagar pela civilização/cultura e a partir disso surge a moral. Consoante a essas assertivas freudianas, Hume aborda o sentimento de medo, que ao ser alavancado pela humilhação, perseguição, intolerância e convicção, cristaliza uma figura de Deus que é portadora da razão absoluta e da moralidade plena.

Desse modo, estar inserido em um coletivo religioso implica uma série de renúncias, segundo Freud, que em troca geram um sentimento de culpa e a possibilidade de se estar em civilização. Já Hume, propõe que o medo gerenciado pelo coletivo religioso resulta na coesão do grupo. Apesar dessa divergência, ambos autores identificam que esse processo institui um pensamento moral que é seguido imperiosamente e marca uma identidade moral do grupo em cada religião. Com a formação do pensamento moral, insurge também a manutenção da religião com um sistema de punições severas para os fiéis e para os que não comungam a mesma fé ou os mesmos ensinamentos morais. A moral religiosa é então acentuada por um forte sentimento de punição, onde o Deus, em sua onipotência e onipresença se torna o vigia e carrasco de cada fiel. Freud ao propor o superego, propõe uma internalização do ideal e da autoridade paterna, no campo religioso isto não se diverge, ou seja, o Deus e seu ideal é internalizado e sua moral deve ser cumprida categoricamente.

Conforme Marinho (2022), identifica no cenário político uma problemática religiosa que guia o pensamento político moral, justificado por um pensamento colonial de superioridade. Assim, a autora correlaciona o pensamento religioso, em especifico do neopentecostalismo, com as questões raciais, visto a intolerância religiosa sofrida pelos que professam fé de matriz

https://doi.org/10.35685/zz69dk03

africana. Esse correlato se mostra presente desde falas no cotidiano até a falta de visibilidade política desse grupo. Desse modo, as religiões cristãs se põem em uma posição de superioridade espiritual e transcendental, autorizando a si mesmas a cometer atos atrozes aos santuários e fieis de matriz africana, fenômeno que a autora justifica através do ímpeto a violência da população brasileira ao ser impulsionado por um pensamento de superioridade moral advindo da lógica cristã.

Sob a ótica do medo e da culpa, o fenômeno observado por Marinho (2022) se alicerça na proposição de que após a instauração de um código moral pela religião, sob o intermédio do medo e da culpa, ocorre uma movimentação intensa de recursos para que esses códigos sejam mantidos, inclusive a violência. Contudo, não apenas os códigos, mas também a própria autoridade daquele que se põe como a divindade e consequentemente da religião. A culpa então imputa as religiões africanas a responsabilidade pelos eventos negativos, pois estes agem de modo contrário ao anseio de sua divindade, logo as religiões diferentes precisam ser corrigidas em virtude do medo da punição.

O fenômeno observado por Marinho (2022) também se expressa em Bissiati (2022), em ambos se expressa uma posição da religião na sociedade que torna os sentimentos de medo e anseio por salvação como mecanismo que desencadeia uma série de atos violentos, que, contudo, são vistos como justos e morais. A culpa, portanto, não está apenas alinhada a uma manutenção plena da civilização como traz Freud, mas sim a permanência do coletivo religioso, que acabam por se verem como a civilização superior ou a civilização correta, desse modo a culpa preserva, para além da civilização como um todo, os coletivos. Apesar disso, a religião se põe como basilar na formação de uma identidade moral, mesmo que em casos extremos a moral que se evidencie seja uma moral distorcida e violenta.

Outrossim, compreender os processos de medo e culpa dos autores na formação de uma identidade moral é, acima de tudo, observar a dialética dos demais elementos trazidos anteriormente. Desse modo, o medo e a culpa instauram dentro do imaginário religioso uma posição de submissão que reverbera em uma adoção ao estatuto moral postulado pelos textos sagrados e pelo desenvolvimento da religião. Nos eventos de fanatismo e de intolerância religiosa esses dois afetos se convertem em montantes de raiva e ódio que ao ser direcionado aos demais grupos torna essa moral uma moral violenta. Contudo, ainda, a moral religiosa não se expressa apenas dessa forma, visto que a sociedade moderna usufrui fortemente de uma moral religiosa e não se volta a atos violentos, mas mesmo nesses casos a religião quando tomada como molde moral representa uma cisão com a razão, como traz Hume.

https://doi.org/10.35685/zz69dk03

Portanto, no que tange os autores, a identidade moral que emerge da religião é orientada por uma lógica que rivaliza com a razão, principalmente por tentar sobrepor a realidade com o anseio divino. Neste processo, o que se entende como moral se apresenta como um direcionamento compulsório aos dogmas propostos. Em casos extremos, a submissão da razão leva a movimentos de fanatismo e perseguição. Desse modo, em síntese, a religião em sua formação, o desamparo humano, torna a moralidade um requisito a salvação e proteção, contudo o núcleo dessa proteção é marcado pela segregação e o pensamento de superioridade, que na atualidade faz parte de uma rede complexa de fenômenos que agravam os sentimentos de ódio e os acontecimentos violentos, em especifico nos que dizem respeito a intolerância e ao fanatismo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo de subjetivação dos indivíduos é atravessado por uma série de variáveis que estão difusas na sociedade e são modificadas e alteradas ao longo do tempo e dos diversos contextos históricos e podem ser observadas pelos mais diversos referenciais. Nesse sentido, a religião se mostrou como um dos diversos significantes que constroem a cadeia de significados morais dos sujeitos e se mostra funcionando desde os momentos germinativos da sociedade. Sendo basilar nos momentos iniciais da sociedade para construir o molde moral a religião marcou psiquicamente o processo de como os sujeitos se relacionavam com o totem/Deus-Pai, onde este ocupava o papel de pai e protetor que exigia sacrifícios para continuar protegendo seus filhos/seguidores. O sacrifício para Freud fora o próprio desejo. Hume, ao observar a partir de um referencial antropológico observou que o sacrifício em questão seria uma das manifestações das dualidades convicção x dúvida, na qual as ressalvas deveriam abrir caminho para a vontade de Deus. Ambos os autores partem de um momento histórico anterior para compreender como a moral emerge nos contextos religiosos.

Os processos grupais envolvidos nas interfaces moral x grupo x individuo foram organizados por Hume de modo que a moral dada pelo artificio religioso é responsável por manter a coesão do grupo. Contudo, o Deus encarnado no líder social/instituição religiosa julga e persegue aqueles que contravêm suas prerrogativas, marcando assim uma moral que obrigatoriamente precisa seguir os modelos religiosos, caso contrário o sujeito poderá ser punido. Freud observa o mesmo cenário e diz que ocorre a introjeção da moral sagrada nas instâncias superegóicas e então são sistematicamente reproduzidas.

Logo, a subjetivação dos sujeitos por meio da religião em Freud e Hume mostram

https://doi.org/10.35685/zz69dk03

aproximações efetivas, mas conceituadas a partir de referenciais distintos como observado, por exemplo, na manutenção da lei, a qual Hume relaciona com a perseguição e Freud com o superego e a cultura, o que sana o objetivo geral desta pesquisa. Junto a isso, a pesquisa indicou suas aproximações teóricas evidenciando suas diferenças, em particular a posição que o desejo e a razão ocupam em cada obra. Isto indica que analisar a moralidade apenas pela ótica da religião é possível, entretanto não se pode realizar isto abrindo mão de observações sociais da organização da sociedade e das religiões de maneira diversa, como aponta Hume, este fator é a principal limitação metodológica desta pesquisa.

Mesmo com limitações a pesquisa apresenta importância impar na sociedade por permitir a visualização de um dos elementos que compõem a organização moral dos sujeitos e a partir disso é possível organizar intervenções em diversos níveis a fim de minimizar problemas socias, tendo em vista a prevalência de discursos de ódios baseados em questões religiosas. Por isso, a partir desta pesquisa podem ser desenvolvidas atividades práticas que utilizem de um referencial de Freud e Hume para desenvolver pesquisas sobre comportamento social moral religioso nos campos de pesquisas sociais.

REFERÊNCIAS

BISSIATI, E. L. S. Religião E Política No Brasil: O Populismo Religioso De Direita Em Jair Bolsonaro. **Revista Neiba**, Cadernos Argentina Brasil, v. 11, p. e68096-e68096, 2022. Disponível: DOI:10.12957/neiba.2022.68096. Acesso em: 24 fev. 2026.

CASTILHO, M. A.; BERNARDI, C. J. A religiosidade como elemento do desenvolvimento humano. **Interações** (Campo Grande), [S. l.], v. 17, n. 4, 2016. Disponível em: https://interacoesucdb.emnuvens.com.br/interacoes/article/view/1227. Acesso em: 25 fev. de 2026.

DEMO, P**. Metodologia do conhecimento científico**. São Paulo: Atlas, 2000.

DURKHEIM, E**. As formas elementares da vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália**. São Paulo: Paulinas, 1989.

FREUD, S. Introdução ao narcisismo. In: **Introdução ao narcisismo e ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916**) Paulo César de Souza — São Paulo: Companhia das Letras, [1913] 2010.

FREUD, S. Psicologia das massas e análise do eu. In: **Psicologia das massas e análise do eu e outros textos (1920-1923)** Paulo César de Souza — São Paulo: Companhia das Letras, [1921] 2011.

FREUD, S. **O mal-estar na civilização.** Rio de Janeiro: Penguin classics Companhia das Letras, [1930] 2010.

FREUD, S. **Totem e tabu**. Rio de Janeiro: Penguin classics Companhia das Letras, [1913] 2013.

HUME, D. **História natural da religião**. São Paulo, Editora UNESP, [1757] 2005.

HUME, D. **Investigações sobre o entendimento humano e sobre os princípios da moral**. Trad. José Oscar de

Almeida Marques. 1. ed. São Paulo: Editora UNl-SP. [1748] 2003.

HUR, D. U. A NEGAÇÃO COMO ESTRATÉGIA PSICOPOLÍTICA: O CASO DO BOLSONARISMO. ARARIPE — **REVISTA DE FILOSOFIA** - , v. 4, n. 1, p. 166-184, 29 ago. 2023. Disponível em: https://doi.org/10.56837/Araripe.2023.v4.n1.1151. Acesso em 25 fev. 2026.

LOZANO, B. R. Fundamentalismo religioso, capitalismo racial e crise civilizatória. **Brazilian Journal of Latin American Studies**, São Paulo, Brasil, v. 23, n. 50, p. 103–129, 2024. Disponível em: https://revistas.usp.br/prolam/article/view/225545. Acesso em: 23 fev. 2026.

MARINHO, P. M. C. Intolerância religiosa, racismo epistêmico e as marcas da opressão cultural, intelectual e social**. Sociedade e Estado**, [S. l.], v. 37, n. 02, p. 489–510, 2022. DOI: 10.1590/s0102-6992-202237020005. Disponível em: https://periodicos.unb.br/index.php/sociedade/article/view/39539. Acesso em: 25 fev. 2026.

MARQUES, M. S. Identidade pessoal e religiosa: sujeito de direito em contexto de pluralismos. **Numen**, [S. l.], v. 25, n. 2, 2023. Disponível em: https://periodicos.ufjf.br/index.php/numen/article/view/36904. Acesso em: 24 fev. 2026.

MEDEIROS, A. A. **A Dimensão Econômica do Inconsciente e o Ilimitado da Economia Libidinal Contemporânea**. Tese de Doutorado em Psicologia – Universidade Federal de São João del-Rei, São João del-Rei, MG, Brasil, 2024.

NIETZSCHE, F**. O Anticristo**. São Paulo: Companhia de Bolso, [1895] 2006.

OLIVEIRA, T. A. OS ASPECTOS PASSIONAL E NARCISISTA DO FUNDAMENTALISMO RELIGIOSO: POSSÍVEIS CONTRIBUIÇÕES DA TEORIA FREUDIANA**. Psicol. rev.** (Belo Horizonte) Belo Horizonte v. 27, n. 2, p. 421-439, ago. 2021. Disponível em: https://doi.org/10.5752/p.1678-9563.2021v27n2p421-439 acessos em 25 fev. 2026.

PRODANOV, C. C. FREITAS, E. C. **Metodologia do trabalho: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2. ed. – Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

SANTOS, R.S. MOREIRA, L. C. C. RELIGIÃO E FUNDAMENTALISMOS: INTERAÇÕES E TENSÕES NO DIALOGO COM OUTRAS IDEOLOGIAS NO CONTEXTO CONTEMPORÂNEO. **Revista Ft,** Ciências Humanas, v. 29, v 150. Disponível em: DOI: 10.69849/revistaft/ar10202509291027. Acesso em: 24 fev. 2026.